

MEMÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: ENSINO E PESQUISA

Célia Toledo Lucena*

A partir de alguns questionamentos, tais como:

- que relação existe entre a História vivida e a História escrita?
- que relação tem a História com o tempo social?
- que relação há entre as questões da historiografia contemporânea e a prática de ensino em História?
- que relação há entre a experiência vivida do aluno e o ensino ministrado em nossas escolas?

Tentamos estabelecer uma relação entre a pesquisa e o ensino de História.

Essas questões remetem nosso debate para o contexto de algumas experiências desenvolvidas em campo, junto a professores de 1o. grau de escolas públicas, das quais temos participado nos últimos dez anos. Vivenciamos experiências tanto a nível de Projeto de Governo, em ações junto à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, como em propostas interinstitucionais, ligadas ao estudo e tombamento da cidade histórica e também enquanto professora de prática de ensino em História em atividades de estágio com alunos.

Nossa proposta sugere atividades de pesquisa para a área de ciências humanas e sociais em escola de 1o. grau a partir das perspectivas colocadas pelas tendências historiográficas contemporâneas.

Tanto a historiografia francesa como a inglesa nos fornecem subsídios para uma reflexão sobre a nossa prática de ensino em História.

Jacques Le Goff, adverte "que no seio do cotidiano há uma realidade que se manifesta de forma completamente diferente do que acontece nas outras perspectivas da História: a memória. A grande História é dividida por comemorações, a História do cotidiano revela-nos o sentimento de duração nas coletividades e nos indivíduos, o sentimento daquilo que se muda, bem como

* Doutoranda em História/PUC-SP.

daquilo que permanece, a própria percepção da História cabe ao historiador fazer desse dado, o vivido cotidiano da história, um outro objeto científico"¹

Michel Vovelle quando trata da nova concepção das fontes nos incentiva a busca de nova documentação em nossas pesquisas históricas. Sobre isso diz ele:

"inscreve-se pela dívida a emergência das novas fontes do cotidiano, do banal, do que concerne à vida das massas anônimas em sua intimidade".

Acrescenta ainda: "Memória empobrecedora, mas ao mesmo tempo criadora, que por vezes assimila numa mesma lembrança a conhecimentos diversos, mas que também é capaz de enriquecer uma lembrança de estratificação em contato com a cultura escrita"².

Michel de Certeau aproxima a antropologia da História, lembrando que a antropologia insinua na História uma outra relação com o tempo: já não se trata de um tempo voluntarista, progressista e nítido, que continua sempre a avançar apesar das resistências, mas sim de um tempo que se repete, que evolui em espiral, que tem nós e volta atrás, um tempo manhoso, enganador e cheio de sinuosidade³.

Os desdobramentos prováveis da Nova História implicam em algumas tarefas que compreendem a crítica da noção do fato histórico, a crítica da concepção tradicional de documento, um "retratamento" da noção de tempo. Daí a História das representações, sendo colocada numa perspectiva histórica, a ampliação do campo da documentação, sendo substituída a História fundada essencialmente nos textos, por uma outra baseada numa multiplicidade de documentos escritos, de todos os tipos, orais, iconográficos, etc. A História hoje entendida numa perspectiva antropológica, da aplicação à História individual e coletiva, tende a introduzir junto destes quadros mensuráveis do tempo histórico, a noção do tempo vivido, de tempos múltiplos, tempos simbólicos e tempo da memória.

A historiografia social inglesa, sugere através da preocupação de E. P. Thompson com a cultura e a experiência humanas, novas leituras das relações de luta entre trabalhadores e novas análises das ações dos próprios sujeitos. Para ele

¹ Le Goff, Jacques. A História do cotidiano, in Duby, George et al. História e Nova História, Lisboa, Teorema, 1985, p. 81.

² Vovelle, Michel. A História e a Longa duração in Le Goff, Jacques (org.) A História Nova. SP. Martins Fontes: 1980, pp. 77 e 78.

³ Certeau, Michel. A História - uma prática nova (mesa redonda) in Le Goff, Jacques e outros. A Nova História, Lisboa. Edições 70. 1977, p. 28.

o "fazer" no cotidiano é a criação cultural abrangendo relações sociais, modos de vida e antagonismos.

Thompson em sua obra *Miséria da Teoria*, relaciona experiência com consciência:

"E quanto à experiência fomos levados a reexaminar todos esses sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão: parentesco, costumes, as regras visíveis e indivisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias - tudo o que, em sua totalidade, compreende a 'genética' de todo o processo histórico, sistemas que reúnem todos num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto"⁴.

Nessa perspectiva, Thompson assinala que homens e mulheres, são pessoas que experimentam situação e relações sociais e tratam essa experiência na sua consciência e sua cultura, agindo em situações determinadas, assumindo o papel de sujeitos.

Samuel, Raphael e outros fundadores da *History Workshop Journal* resgatam através da História local a força popular.

Abrem espaço para trabalhadores reconhecerem sua própria condição de sujeitos e produtores de conhecimento, para Samuel, Raphael:

"A História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite, nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. As categorias abstratas de classe social, ao invés de serem pressupostos, tem de ser traduzidas essas diferenças ocupacionais e trajetória de vidas individuais; o impacto da mudança tem de ser medida por suas conseqüências para certos domicílios"⁵

É inegável a inquietação com as questões da localidade e da oralidade na historiografia inglesa. Esta preocupação tem feito com que historicamente, cada vez mais, se dediquem a temas que afloram o conhecimento da realidade que exigem a compreensão das tramas das relações sociais implícitas nas diferentes formas de manifestações humanas, dentro de uma perspectiva individual e local.

⁴ Thompson, E. P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 188-189.

⁵ Samuel, Raphael, *História Local e História Oral*, in *História no Quadro Negro, Escola, ensino e aprendizagem*, Revista Brasileira de História, ANPUH, Marco Zero, (18), p. 220.

A História social a partir das últimas décadas tem sido preocupação também de historiadores norte-americanos, alemães e italianos, criando novas oportunidades de análises, o que provocou o reconhecimento de temas negligenciados por muito tempo por historiadores, prolongando-se na história das representações sociais, da mentalidade, do imaginário, do cotidiano e da cultura.

Nossa proposta é fazer uma reflexão sobre nossa prática de ensino e tentar relacionar nossa prática com os conceitos trabalhados pela historiografia contemporânea.

O ESTUDO DO LUGAR:

Se a história por períodos, seriada, caminha do todo para as partes, do geral para o particular, do passado para o presente, o ensino, a pesquisa e a reflexão a partir da localidade pode indicar um caminho diverso.

O estudo do lugar tem um papel essencial no ensino da História, como espaço onde ocorre as manifestações do cotidiano e com ponto de partida para a construção do conhecimento.

O lugar onde a população se concentra é um espaço que lhe é familiar e onde se constitui a expressão mais objetiva de seus modos de vida, que permite situar o aluno no momento histórico em que vive.

As análises que faremos a seguir referem-se as experiências desenvolvidas por professores e por alunos estagiários, envolvidos nos diferentes projetos acompanhados nos últimos anos.

A perspectiva de estudar História a partir de eixos temáticos, possibilita a contemplação de um tema e a realização de pesquisas através da História mais imediata.

Esta perspectiva de estudar História não significa fragmentação de conteúdo histórico, mas a busca de "recortes" de experiências vividas pelo aluno, procurando assim tornar o ensino mais vivo e concreto.

A partir de experiências concretas permite ao aluno perceber o que aconteceu ao seu redor e relacionar sua vivência com os diferentes tempos e espaços.

Dentro desta perspectiva de localidade, como fazer o vínculo da escola com a memória local? Como fazer o vínculo da História vivida com a História oficial?

Como possibilitar ao sanfoneiro, cantadores, artesãos, sindicalistas, trabalhadores, testemunhos populares, oportunidade de inclusão das suas lembranças nos conteúdos escolares?

"O resgate do repertório local, como recurso didático para o trabalho em sala de aula, amplia as fontes culturais para o ensino e efetiva a fusão educação-memória local, sendo a memória entendida enquanto criação popular, transferida pela vivência diária. Os temas do cotidiano são aflorados, os modos de vida são recuperados, manifestações humanas são estudadas num plano local e interpretadas em escala nacional. Quando falamos em manutenção dos modos de vida, pensamos, numa interação dinâmica dos elementos da comunidade envolvidos numa proposta única de valorização dos componentes do cotidiano integrados na totalidade história"⁶.

Uma vez definida a temática da pesquisa, a equipe de professores passa a construí-la e evidenciar sub-temas e conceitos fundamentais para seu estudo.

Algumas equipes de professores demonstram dificuldades no recorte do tema, ou seja na definição do eixos temáticos a serem trabalhados. Tentando sanar esta dificuldade, no Projeto Preservação e Participação: uma questão cultural, desenvolvido em Bananal, Vale do Paraíba do Sul, trabalhamos com os professores através de exercícios de sensibilização e de atividades lúdicas e corporais sobre "o que eu gosto o que eu não gosto na minha cidade".

Estes exercícios possibilitaram de forma rápida o levantamento dos principais temas da História local, suas inquietações e problemática. A opção feita por eles foram os seguintes eixos temáticos:

- Discutindo nossa História.
- Modos de vida e cultura popular. Estes eixos possibilitaram o desenvolvimento de alguns conceitos: História, Memória; Tempo, Cotidiano, Identidade e Patrimônio Ambiental e Cultural. Os temas sugeriram o desdobramento de diferentes sub-temas que passaram a ser pontos de partida para o ensino de História, Geografia, Ciências e Educação Artística. As pesquisas levaram professores e alunos a buscar no cotidiano dos alunos e na localidade a compreensão dos processos históricos. O sub-tema "a Estação Ferroviária" conduziu um estudo histórico-geográfico, da História do café no Vale do Paraíba: a estrada de ferro, hoje desativada substituída pela estrada de rodagem; as fazendas de café como espaço da memória; hoje representam local de lazer, sendo muitas delas transformadas em hotéis-fazenda.

⁶ Lucena, Célia Toledo. Memória, Escola e Localidade. São Paulo: PUC, dissertação de mestrado, 1991, mimeo.

A Estação da Estrada de Ferro é um dos monumentos que permanece na cidade, narrando a História da época. Trata-se de um prédio de 1899 construído pelos fazendeiros de café da localidade, com placas de aço importadas da Bélgica.

Os exercícios realizados, nos cursos e nos workshops, no decorrer do acompanhamento dos projetos resgatam da professora sua própria memória no que se refere a sua prática pedagógica.

A alternativa encontrada por uma professora foi a seguinte: "nós esquecemos da peça fundamental o aluno, que acaba virando um ser inerte em muitas escolas. Seria falso não colocar também que, devido a burocracia existente, faço parte dessa massa de educadores, que esquece o aluno (...) ao meu ver faz-se necessário muita leitura, muitos cursos de reciclagem em todos os níveis. Não é de um dia para a noite que, a representação existente em nossa memória será mudada, isto seria um trabalho sistemático que nos aperfeiçoaria no decorrer do tempo"⁷.

As reflexões sistemáticas levam os professores envolvidos em projetos desta natureza, a analisar sua própria prática diária, como também apontam soluções para o cotidiano escolar.

Uma das equipes envolvidas no Projeto Memória-História (FDE, 1992) teve como preocupação básica a desmistificação dos conceitos pré-estabelecidos pela História tradicional, que o aluno traz na sua bagagem cultural.

Com relação a isto, os professores afirmam que:

"Desmistificar conceitos e posturas pré-estabelecidas nas diversas disciplinas, construir uma visão de Homem como um ser concreto, manifestação de uma totalidade histórico-social através de análises sucessivas que partem do empírico em direção ao indivíduo concreto, social e histórico. Trabalhar a idéia de unicidade do conhecimento através da abordagem interdisciplinar, revendo a convicção que os alunos compartilham de que cada campo do conhecimento se constitui num todo acabado e intocável"⁸.

Estas análises e reflexões são mescladas de conflitos e contradições. É constante a contradição entre a necessidade de discutir novas abordagens da História e sua própria prática. Entretanto percebemos as dificuldades na prática de aula ou seja a forma como lidam com a visão do tempo social, da periodização e pelo tratamento que dão aos documentos e as fontes históricas.

Uma vez iniciada a pesquisa, professores e alunos passam a ler o próprio bairro, numa ótica que tem em vista a compreensão:

⁷ Depoimento de professora em relatório de avaliação do curso Memória e História, ministrado pelo Prof. Antonio Torres Montenegro, FDE, julho de 1992.

⁸ Relatório CEFAM - Vila Gomes. Bairro do Butantã, São Paulo, para o projeto Memória-História, FDE, SP, 1992.

- do bairro como espaço de aprendizagem;
- das representações que os alunos fazem de seu cotidiano;
- da construção da História familiar e local, como forma da construção da identidade social;
- da produção do saber científico a partir do saber vivido.

OS LUGARES DA MEMÓRIA

A partir do momento que professores e alunos saem da sala de aula e passam a visitar o próprio lugar, os espaços da memória, reler monumentos e ao entrevistar os sujeitos através da dimensão dos temas escolhidos encontram condições para:

- fazer relação do passado com o presente;
- decodificar valores da localidade;
- analisar representações dos sujeitos e seus papéis sobre o vivido;
- avaliar e substituir representações produzindo novas imagens modificando o imaginário social.

A cidade entendida como local de confrontos entre desejo e necessidade, de satisfação e insatisfação, agrupa centros de decisões que passam a organizar e intensificar as relações de dominação e de poder nos grupos urbanos.

O espaço urbano ostenta o cotidiano e as relações sociais, determinando o olhar da pessoa sobre o espaço e o tempo vivido.

O olhar do estudante que investiga a cidade deve buscar as representações do espaço urbano na memória dos habitantes. O habitante constrói a imagem de sua cidade com a ajuda da experiência da memória. A imagem pública da cidade reduz-se a um conjunto de percepções individuais. Existe uma oscilação entre a cidade real e a cidade sonhada. São os sinais, as marcas que os processos de transformação social deixam no espaço e no tempo contando uma história não verbal que se nutre de imagens, máscaras, fetiches que designam um cotidiano, valores, usos, hábitos e crenças do homem que dinamiza o espaço social.

A cidade moderna possibilita o desenraizamento expresso na perda da identidade, cria novas sensibilidades e novos desejos e seduições.

Tentando restabelecer uma ordem espacial e rearranjar tudo o que foi vivido no próprio bairro, os estudantes da 6ª. série da EEPG Oswaldo Cruz⁸, do bairro da Mooca, São Paulo, ao contemplarem o eixo temático Imigração-

⁸ Projeto Memória-História, FDE, São Paulo, 1992.

Migração, desdobraram-no em vários sub-temas: estrada de ferro Santos-Jundiaí, a trilha do imigrante, o café, mão-de-obra escrava e assalariada, migração e industrialização, urbanização, etc.

As pesquisas foram acompanhadas de visitas aos espaços de memória que permitiu aos alunos vivência do próprio bairro e busca de explicações para as problemáticas da Mooca de hoje. Os alunos fizeram o itinerário do imigrante visitando a Hospedaria do Imigrante, Fazendas de Café, Porto de Santos, Estação de Paranapiacaba.

Na dinâmica de "ir" e "vir", relacionando passado e presente, os alunos aprenderam a observar, analisar e sistematizar. Perceberam que a Hospedaria hoje abriga migrantes, que vem de outros estados, na conquista de melhores condições de vida na cidade de São Paulo.

SONS E IMAGENS COMO RECURSO DIDÁTICO

A coleta de entrevistas sob a forma de "relatos de vida" encaminham o trabalho para a construção do conhecimento histórico, na busca da representação omitidas pela História oficial.

Nesta tarefa as escolas priorizaram as lembranças que permanecem nas famílias a respeito de seu próprio modo de vida: moradia, trabalho, lazer, laços de amizade, desejos e manifestações culturais.

A oralidade resgatada através dos relatos e das narrativas contadas pelos mais velhos, permite aos alunos resgatar experiências de seus pais e a realizar atividades pedagógicas ligadas a História local.

A EEPG Prof. Almeida Júnior situada no Jardim Maria Luiza (Butantã) encontrou explosões para a compreensão da expansão urbana do próprio bairro nas entrevistas dos próprios moradores¹⁰.

O estudo da História familiar demonstrou que a maioria pertence ao grupo de migrantes que se instalou em São Paulo, na década de 70. Na memória dos migrantes os pesquisadores identificaram os porquês dos seus modos de vida, alguns dados da problemática política e economia nacional e as representações que fazem da cidade de São Paulo, do bairro e do local de origem. Mencionamos a seguir, um trecho de uma entrevista coletada pela equipe escolar: "Bom, já faz vinte anos que eu moro aqui nesse pedacinho, então eu gosto daqui. Aqui eu conheço todo mundo. Ando pra todo lugar, conheço todo mundo. Eu trabalhei mais de três anos aqui nessa escola. Então quer dizer

¹⁰ Projeto Memória-História, FDE, SP, 1982.

que todo mundo virou amigo, aonde me encontra conversa, me chama, então quer dizer que prá mim este pedacinho é melhor. (...)

Eu vim do Paraná, a gente trabalhava na roça, chegava nas festas juninas, brincava nas fogueiras. Fazia muito frio e a gente não podia ficar muito tempo em volta da fogueira. Fazia mal! Então a gente podia ficar só um pouquinho. Não é como agora. Vocês tem mais distração. Vocês estudam, não trabalham na roça. Só vão trabalhar depois de 18 anos em diante. Então no meu tempo não tinha infância como tem agora"¹¹.

A recuperação de velhas fotografias é outro sub-produto de um projeto de História local. Elas são úteis não apenas na ilustração, por evocarem o passado para aqueles que não o vivenciaram, mas como elementos constitutivos do real. Fornecem informações, confrontam dados, criando na equipe de pesquisadores condições de criar junto aos alunos oportunidade de trabalhar a imagem fotográfica.

O retrato posado, o flagrante, filmagem, de eventos, podem nos ajudar a redefinir alguns aspectos da vida cotidiana, revelando as representações que não estão presente na documentação escrita.

Conhecendo-se o contexto gerador de registros por meio das fotos, pode-se decodificar seus componentes e chegar a um levantamento histórico. Não basta apenas apreciar a foto em si, é necessário ter uma intimidade com o conteúdo. O leitor deve levar em conta não apenas o particular, mas os papéis sociais do retratado.

Uma professora de Bananal ao estudar a História do prédio da farmácia popular, fundada em 1830, observa:

"Na foto percebemos as pessoas trajadas em terno, o proprietário com gravata e colete. Nas vestes percebemos o uso do colete, botas de cano alto, chapéu que denota a preocupação com o vestuário no momento de ser fotografado"¹².

Lembramos Le Goff, quando diz: "...A fotografia, que revoluciona a memória multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica"¹³.

Esta relação entre Memória e História local, cria espaço para analisar "locais" onde se efetua a experiência humana, onde se constrói e reconstrói a

¹¹ Entrevista: De Luitza "Merendeira" antiga merendeira da EEPP Prof. Almeida Júnior, nasceu em 1931 em Minas Gerais, porém viveu no Paraná de 1933 até 1972, quando passou a residir no Jardim Maria Luitza, Butantã, São Paulo. Foi entrevistada pela equipe de professores e alunos da escola, em 23/8/1992.

¹² Depoimento de professora, Projeto Preservação e Participação: uma questão cultural, Bananal, 1990.

¹³ Le Goff, Jacques. *Memória*, in *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, p. 39.

identidade social e onde se organizam práticas nas quais os membros expressam suas vontades, constituindo-se sujeitos ativos nas lutas do cotidiano.

Estas ações pedagógicas possibilitaram aos professores de repensarem sua prática, em sala de aula, no ensino de 1o. grau. A oportunidade de trabalhar com novos problemas, com novas abordagens, novos temas, leva o professor a recriar situações de aprendizagem.

Uma vez feita uma reflexão das novas perspectivas discutidas pelas tendências historiográficas contemporâneas ampliará ao professor seu campo de documentação, sua forma de lidar com a noção de tempo, seu universo temático para pesquisas desta forma estará recriando as fontes culturais para o ensino em História, como para as demais disciplinas curriculares.

Finalizando deixo uma frase que agradeço a Renato Ortiz:

"...a memória coletiva só pode existir enquanto vivência, isto é, enquanto prática que se manifesta no cotidiano das pessoas"¹⁴.

¹⁴ Ortiz, Renato, *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, S.P. - Brasiliense, 1988, p. 33.